

FERNANDO PESSOA

O Eu profundo e os outros Eus



20^a

EDIÇÃO

A

EDITORIA

NOVA

FRONTEIRA
POEMAS DRAMÁTICOS

NA FLORESTA
DO
ALHEAMENTO
O MARINHEIRO

*NOTA PRELIMINAR**

A
LITERATURA
DRAMÁTICA

é uma
subespécie de
literatura

*narrativa, e esta drama não é
uma espécie do mais que um
gênero lite romance na sua
ratura. forma máxima*

*A literatura é a de síntese
expressão verbal possível. Ê por
de um atingir esta
temperamento; a objetividade
literatura máxima que ele
narrativa a pode rece
forma objetiva ber a aparência
dessa expressão de vida, isto é,
verbal; a que ele pode ser
literatura dra simulado num
mática a forma palco por
maximamente ob pessoas a que se
jetiva — ou seja, chama atores.
a forma sintética As qualidades
— dessa possíveis do dra
expressão ma resultam,
objetiva. Um portanto, de três*

*origens. Há as as que lhe são
que ele tem em próprias como
comum com forma
todas as formas maximamente
literárias, visto sintética da
que ele é narrativa
literatura; há as literária.
que ele tem, Há três
mais espécies de
particularmente, drama: o tipo
em comum com sintético, que
todas as busca incluir em
narrativas
literárias; e há*

* Apontamento solto; s. d.; in

o

e

m

as

D

ra

m

át

ic

os

,

I,

e

d.

Á

ti

ca

.

si, tipos.
equilibrando-as,
as três ordens
de qualidades
que ao drama
são possíveis; o
tipo analítico,
que bus ca
apresentar só as
qualidades par
ticulares e
distintivas do
drama; e o tipo
misto que busca
reunir, con forme
possa ser, as
qualidades
desses dois

O tipo sintético do drama atinge a sua plenitude no drama em verso. Por ser em verso atinge o máximo da expressão verbal de um temperamento, que em verso se acentua muito mais que em prosa. Por ser drama reduz essa [expressão] verbal à objetividade.

SEI QUE DESPERTEI e que
ainda durmo. O meu corpo
antigo, moído de eu viver,
diz-me que é muito cedo ainda.
. . Sinto-me febril de longe.
Peso-me não sei por quê. ..
Num torpor lúcido,
pesadamente incorpóreo,
estagno, entre um sono e a
vigília, num sonho que é uma
sombra de sonhar. Minha atenção bóia
entre dois mundos e vê cegamente a profun **deza**
de um mar e a profundez de
um céu; e estas profundezas
interpenetram-me,
misturam-se, e eu não sei onde
estou nem o que sonho.
Um vento de sombras sopra
cinzas de propósitos mortos

sobre o que eu sou de
desperto. Cai de um
firmamento desconhecido ^{um}
orvalho morno de tédio. Uma grande angústia inerte

^{manu} seia-me a alma por dentro,
c incerta, altera-me como a
brisa aos perfis das copas.
Na alcova mórbida e morna a
antemanhã de lá fora é apenas
um hálito de penumbra. Sou
todo confusão quieta. . . Para
que há de um dia raiar? . . .
Custa-me o saber que ele
raiará, como se fosse um
esforço meu que houvesse de o
fazer aparecer.
Com uma lentidão confusa
acalmo. Entorpeço-me. Bóio
no ar, entre velar e dormir, e
uma outra espécie de realidade
surge, e eu em meio dela, não

sei de que onde que não é esse.

..

Surge mas não apaga esta, esta
alcova tépida, essa de uma
floresta estranha. Coexistem na
minha atenção algemada as
duas realidades, como dois
fumos que se misturam.

Que nítida de outra e de ela essa trêmula paisagem

transpa^{re}rente! ... E quem é esta
mulher que comigo veste de
observada essa ^{floresta alheia?} Para que é
que tenho um momento de mo per^{guntar?} ...

Eu nem sei querê-lo saber. . .

A alcova vaga é um vidro
escuro através do qual,
consciente dele, vejo essa
paisagem. . . e essa paisagem
conheço-a há muito, e há
muito que com essa mulher que
desconheço erro, outra

realidade, através da irrealidade
dela. Sinto em mim séculos de
conhecer aquelas árvores, e
aquelas flores e aquelas vias
em desvios c aquele ser meu
que ali vagueia, antigo e
ostensivo

107

ao meu olhar, que o saber que
estou nesta alcova veste de
penumbras de ver. . .

De vez em quando pela floresta
onde de longe me vejo e sinto, um
vento lento varre um fumo, e esse
fumo é a visão nítida e escura da
alcova em que sou atual destes
vagos móveis e reposteiros e do
seu torpor de noturna. Depois esse
vento passa e torna a ser toda só-ela a paisagem
daquele outro mundo. . .

Outras vezes este quarto estreito é apenas uma cinza de bruma, no horizonte d'essa terra diversa... E há momentos em que o chão que ali pisamos é esta alcova visível...

Sonho e perco-me, duplo de ser eu e essa mulher. . . Um grande cansaço é um fogo negro que me consome. . . Uma grande ânsia passiva é a vida que me estreita. . .

Ó felicidade baça... O eterno estar no bifurcar dos cami

nhos! .. . Eu sonho e por detrás da minha atenção sonha comigo alguém. . . E talvez eu não seja senão um sonho desse Alguém que não existe. . .

Lá fora a antemanhã tão longínqua! a floresta tão aqui ante outros olhos meus!

E eu, que longe desta paisagem quase a esqueço, é ao tê-la que

tenho saudades d'ela. e é ao
percorrê-la que a choro e a ela
aspiro. ..

As árvores! as flores! o
esconder-se copado dos caminhos!.
.. Passeávamos às vezes, de braço
dado, sob os cedros e as olaias,
nenhum de nós pensava em viver.
A nossa carne era-nos um perfume
vago e a nossa vida um eco de som
de fonte. Dávamo-nos as mãos e
os nossos olhos perguntavam-se o
que seria o ser sensual e o querer
realizar em carne a ilusão do amor.
..

No nosso jardim havia flores de
todas as belezas. . . rosas de
contornos enrolados, lírios de um
branco amarelecendo-se, papoulas
que seriam ocultas se o seu rubro
lhes não espreitasse presença,

violetas pouco na margem tufada
dos canteiros miosótis mínimos,
camélias estéreis de perfume. . . E,
pasmados por cima de ervas altas,
olhos, os girassóis isolados
fitavam-nos grande_{mente}.

Nós roçávamos a alma toda vista
pelo frescor visível dos musgos e
tínhamos, ao passar pelas
palmeiras, a intuição esguia de
outras terras. . . E subia-nos o
choro à lembrança, porque nem
aqui, ao sermos felizes o éramos. .

.
Carvalhos cheios de séculos
nodosos faziam tropeçar os nossos
pés nos tentáculos mortos das suas
raízes. . . Plátanos esta-

cavam... E ao longe, entre árvore e

árvore de perto, pendiam no
silêncio das latadas os cachos
negrejantes de uvas. . . O nosso
sonho de viver ia adiante de nós,
alado, e nós tínhamos para ele um
sorriso igual e alheio, combinado
nas almas sem nos olharmos, sem
sabermos um do outro mais do que
a presença apoiada de um braço
contra a atenção entregue do outro
braço que o sentia.

A nossa vida não tinha dentro.
Éramos fora e outros. Des
conhecíamos-nos. como se
houvéssemos aparecido às nossas
almas depois de uma viagem
através de sonhos. . .

Tínhamo-nos esquecido do
tempo, e o espaço imenso empe
quenara-se-nos na atenção. Fora
daquelas árvores próximas,

daquelas latadas afastadas,
daqueles montes últimos no
horizonte haveria alguma coisa de
real, de merecedor do olhar aberto
que se dá às coisas que existem? . .

.

Na clepsidra da nossa imperfeição
gotas regulares de sonho
marcavam horas irreais. . . Nada
vale a pena, ó meu amor longín-
quo, senão o saber como é suave
saber que nada vale a pena. . .

O movimento parado das árvores;
o sossego inquieto das fon tes; o
hálito indefinido do ritmo íntimo
das seivas; o entardecer lento das
coisas, que parece vir-lhes de
dentro e dar mãos de concordância
espiritual ao entristecer longínquo,
e próximo à alma do alto silêncio
do céu; o cair das folhas,

compassado e inútil, pingos de alheamento, em que a paisagem se nos torna toda para os ouvidos e se entristece em nós como uma pátria recordada — tudo isto, como um cinto a desatar-se, cingia-nos, incertamente.

Ali vivemos um tempo que não sabia decorrer, um espaço para que não havia pensar em poder-se medi-lo. Um decorrer fora do tempo, uma extensão que desconhecia os hábitos da realidade no espaço. . . Que horas, ó companheira inútil do meu tédio, que horas de desassossego feliz se fingiram ali. . . Horas de cinza de espírito, dias de saudade espacial, séculos interiores de paisagem externa. . . E nós não nos perguntávamos para que era aquilo

que não era para nada.

Nós sabíamos ali. por uma intuição que por certo não tínhamos. que este dolorido mundo onde seríamos dois, se existia, era para além da linha externa onde as montanhas são hábitos de formas, e para além dessa não havia nada. E era por causa da contradição de saber isto que a nossa hora de ali era escura como uma caverna em terra de supersticiosos, e o nosso senti-la era estranho como um perfil de cidade mourisca contra um céu de crepúsculo outonal.

Orlas de marés desconhecidas tocavam, no horizonte de ouvir mos, praias que nunca poderíamos ver, e era-nos a felicidade escutar, até vê-lo em

nós, esse mar onde sem dúvida singravam caravelas com outros fins em percorrê-lo que não os fins úteis e comandados da Terra.

Reparávamos de repente, como quem repara que vive, que o ar estava cheio de cantos de ave, e que, como perfumes antigos ^{em cetins,} o marulho esfregado das folhas estava mais entranha do em nós de que a consciência de o ouvirmos.

E assim o murmúrio das aves, o sussurro dos arvoredos e o fundo monótono esquecido do mar eterno punham à nossa vida abandonada uma auréola de não a conhecermos. Dormimos ali acordados dias, contentes de não ser nada, de não ter desejos nem esperanças, de nos termos esquecido da cor dos amores e do sabor dos ódios.

Julgávamo-nos imortais. . .

Ali vivemos horas cheias de um
outro sentirmo-las, horas de uma
imperfeição vazia e tão perfeitas
por isso, tão diagonais à certeza
retângula da vida. . . Horas
imperiais depostas, horas vestidas
de púrpura gasta, horas caídas
nesse mundo de outro mundo mais cheio
de orgulho de ter mais desmanteladas angústias . . .

E doía-nos gozar aquilo,
doía-nos. . . Porque apesar do que
tinha de exílio calmo, toda essa
paisagem nos sabia a sermos deste
mundo, toda ela era úmida de um vago tédio, triste e enor

me e perverso como a decadência
de um império ignoto.. .

Nas cortinas da nossa alcova a
manhã é uma sombra de luz. Meus
lábios, que eu sei que estão pálidos,
sabem um ao outro a não

quererem ter vida.

O ar do nosso quarto neutro é pesado como um reposteiro. A nossa atenção sonolente ao mistério de tudo isto é mole como uma cauda de vestido arrastada num cerimonial no cre ^{púsculo}.

Nenhuma ânsia nossa tem razão de ser. Nossa atenção é um absurdo consentido pela nossa inércia alada.

Não sei que óleos de penumbra ungem a nossa idéia do nosso ^{corpo}.
O cansaço que temos é a sombra de um cansaço. Vem

nos de muito longe, como a nossa idéia de haver a nossa vida. . .

Nenhum de nós tem nome ou existência plausível. Se ^{pudés} semos ser ruidosos ao ponto de nos imaginarmos rindo, riríamos sem dúvida de nos imaginarmos vivos. O frescor aquecido dos

lenços acaricia-nos (a ti como a mim decerto) os pés que se sentem, um ao outro nus.

110

Desengunemo-nos, meu amor, da vida e dos seus modos.

Fu^o jamos a sermos nós. . . Não tiremos do dedo o anel mágico que chama, mexendo-se-lhe, pelas fadas do silêncio e pelos elfos da sombra e pelos gnomos do esquecimento. . .

E ei-la que, ao irmos a sonhar falar nela, surge ante nós, outra ^{vez}, a floresta muita, mas agora mais perturbada da nossa perturbação e mais triste da nossa tristeza. Foge diante dela, como um nevoeiro que se esfolha, a nossa idéia do mundo real, e eu possuo-me outra vez no meu sonho errante, que esta floresta

misteriosa esquadra. . .

As flores, as flores que ali vivi!
Flores que a vista traduzia para
seus nomes, conhecendo-as, e cujo
perfume a alma colhia. não nelas mas na

melodia de seus nomes.. . Flores cujos no mes eram
repetidos em seqüência, orquestras de perfumes so

noros. Árvores cuja volúpia verde
punha sombra e frescor no como
eram chamadas. . . Frutos cujo
nome era um cravar de dentes na
alma da sua polpa. . . Sombras que
eram relíquias de outroras felizes. . .

Clareiras, clareiras claras, que eram sorrisos mais
francos da paisagem que se boceja
em próxima. . . ó horas multicolores!. . .

Instantes-flores, minutos-árvores, ó tem po
estagnado em espaço, tempo morto
de espaço coberto de flores, e do
perfume de flores, e do perfume de
nomes de flores!. . .

Loucura de sonho naquele
silêncio alheio!...

A nossa vida era toda a vida... O
nosso amor era o perfume do
amor. . . Vivíamos horas
impossíveis, cheias de sermos nós.
. . E isto porque sabíamos, com
toda a carne da nossa carne, que
não éramos uma realidade. . .

Éramos impessoais, ocos de nós, outra coisa qualquer. . .

Éramos aquela paisagem esfumada
em consciência de si própria. . . E
assim como ela era duas — de
realidade que era, e ilusão — assim

éramos nós obscuramente dois, nenhum de nós sabendo
bem se o outro não era ele-próprio, se o incerto outro vi
vera. . . Quando emergimos de repente ante o

estagnar dos lagos sentíamos-nos a querer
soluçar. . . Ali aquela paisagem
tinha os olhos rasos de água, olhos
parados cheios de tédio inúmero de

ser. . . Cheios, sim, do tédio de ser qualquer coisa, realidade ou ilusão — e esse tédio tinha a sua pátria e a sua voz na mudez e no exílio dos lagos... E nós, caminhando sempre e sem o saber ou querer, parecia ainda assim que nos demorávamos à beira daqueles lagos, tanto de nós com eles ficava e morava, sim bolizado e absorto. . .



E que fresco e feliz horror o de não haver ali ninguém! Nem nós, que por ali íamos, ali estávamos. . . Porque nós não éramos ninguém. Nem mesmo éramos coisa alguma.. . Não tínhamos vida que a morte precisasse para matar. Éramos tão tênues e rasteirinhos que o vento do decorrer nos deixara inúteis e a hora passava

por nós acariciando-nos como uma
brisa pelo cimo de uma palmeira.

Não tínhamos época nem
propósito. Toda a finalidade das
coisas e dos seres ficara-nos à porta daquele paraíso de

ausên cia. Imobilizar-se, para nos
sentir senti-la, a alma rugosa dos
troncos, a alma estendida das
folhas, a alma núbil das flores, a
alma vergada dos frutos. . .

E assim nós morremos a nossa vida, tão atentos

separadamen te a morrê-la que não
reparamos que éramos um só, que
cada um de nós era uma ilusão do
outro, e cada um, dentro de si, o
mero eco do seu próprio ser. . .

Zumbe uma mosca, incerta e
mínima. . .

Raiam na minha atenção vagos
ruídos, nítidos e dispersos, que
enchem de ser já dia a minha

consciência do nosso quarto...
Nosso quarto? Nosso de que dois,
se eu estou sozinho? Não sei. Tudo
se funde e só fica, fingindo, uma
realidade-bruma em que a minha
incerteza soçobra e o meu
compreender-me, embalado de
ópios, adormece. . .

A manhã rompeu, como uma queda, do cimo pálido da Ho

ra. . . Acabaram de arder, meu
amor, na lareira da nossa vida, as
achas dos nossos sonhos.. .

Desenganemo-nos da esperança,
porque trai, do amor, porque
cansa, da vida, porque farta, e não
sacia, e até da morte, porque traz
mais do que se quer e menos do
que se espera.

Desenganemo-nos, ó Velada, do
nosso próprio tédio, porque se
envelhece de si próprio e não ousa

ser toda a angústia que é. Não
choremos, não odiemos, não
desejemos. . . Cubramos, ó
silenciosa, com um lençol de linho
fino o perfil hirto da nossa
Imperfeição. . .

112

O MARINHEIRO

A CARLOS FRANCO

Um quarto que é sem dúvida
num castelo antigo. Do quarto
vê-se que é circular. Ao centro
ergue-se, sobre uma essa, um
caixão com uma donzela, de
branco. Quatro tochas aos

cantos. À direita, quase em frente a quem imagina o quarto, há uma única janela, alta e estreita, dando para onde só se vê. entre dois montes longínquos, um pequeno espaço de mar.

Do lado da janela velam três donzelas. A primeira está sentada em frente à janela, de costas contra a tocha de cima da direita. As outras duas estão sentadas uma de cada lado da janela. É noite e há como que um resto vago de luar.

PRIMEIRA VELADORA. -
Ainda não deu hora nenhuma.
SEGUNDA. - Não se podia ouvir.
Não há relógio aqui perto. Dentro em pouco deve ser dia.

TERCEIRA. - Não: o horizonte é negro.

PRIMEIRA. - Não desejais, minha irmã, que nos entretenhamos contando o que fomos? É belo e é sempre falso. . . SEGUNDA. - Não, não falemos disso. De resto, fomos nós alguma coisa?

PRIMEIRA. - Talvez. Eu não sei. Mas, ainda assim, sempre é belo falar do passado... As horas têm caído e nós temos guardado silêncio. Por mim, tenho estado a olhar para a chama daquela vela. Às vezes treme, outras torna-se mais amarela, outras vezes empalidece. Eu não sei por que é que isso se dá. Mas sabemos nós, minhas irmãs, por que se dá qualquer coisa? . . .

(uma pausa)

A MESMA. - Falar no passado — isso deve ser belo, porque é inútil e faz tanta pena. . .

SEGUNDA. - Falemos, se quiserdes, de um passado que não tivéssemos tido.

TERCEIRA. - Não. Talvez o tivéssemos tido. . .

113

PRIMEIRA. - Não dizeis senão palavras. É tão triste falar! É um modo tão falso de nos esquecermos!... Se passeássemos? . . .

TERCEIRA. - Onde?

PRIMEIRA. - Aqui, de um lado para outro. Às vezes isso vai buscar sonhos.

TERCEIRA. - De quê?

PRIMEIRA. - Não sei. Por que

o havia eu de saber? (*uma*

pausa)

SEGUNDA. - Todo este país é muito triste... Aquele onde eu vivi outrora era menos triste.

Ao entardecer eu fiava, sentada à minha janela. A janela dava para o mar e às vezes havia uma ilha ao longe. . . Muitas vezes eu não fiava; olhava para o mar e esquecia-me de viver. Não sei se era feliz. Já não tornarei a ser aquilo que talvez eu nunca fosse. . .

PRIMEIRA. - Fora de aqui, nunca vi o mar. Ali,

daquela ^{ja} nela, que é a única de onde o mar se vê, vê-se tão

pouco!... O mar de outras
terras é belo?

SEGUNDA. - Só o mar das
outras terras é que é belo.

Aquele ^{que nós vemos dá-nos sempre}
saudades daquele que não vere ^{mos nunca...}

(uma pausa)

PRIMEIRA. - Não dizíamos nós que íamos contar o
nosso pas sado? SEGUNDA. -

Não, não dizíamos.

TERCEIRA. - Por que não
haverá relógio neste quarto?

SEGUNDA. - Não sei... Mas
assim, sem o relógio, tudo é
mais afastado e misterioso. A noite pertence mais a
si pró pria. .. Quem sabe se nós poderíamos falar
assim se soubésse mos a hora que é?

PRIMEIRA. - Minha irmã, em mim tudo é triste.

Passo de zembros na alma.. . Estou procurando não
olhar para a jane la... Sei que de lá se

vêem, ao longe, montes... Eu
fui feliz para além de montes,
outrora... Eu era pequenina.

Colhia flores todo o dia e antes de adormecer
pedia que não mas tiras sem .. Não sei o que isto
tem de irreparável que me dá von tade de chorar..

Foi longe daqui que isto pôde ser. . . Quando
virá o dia?... TERCEIRA. - Que importa?
Ele vem sempre da mesma maneira...

sempre, sempre, sempre...

114

(*uma pausa*)

SEGUNDA. - Contemos contos
umas as outras... Eu não sei contos
 nenhuns, mas isso não faz mal... Só
viver é que faz mal.. . Não
rocemos pela vida nem a orla das
nossas vestes. . . Não, não vos levanteis. Isso
seria um gesto, e cada gesto inter rompe um sonho. . .

Neste momento eu não tinha sonho ne
nhum, mas

é-me suave pensar que o podia estar tendo. . . Mas o passado — por que não falamos nós dele?

PRIMEIRA. - Decidimos não o fazer. . . Breve raiará o dia e arrepender-nos-emos... Com a luz os sonhos adormecem... O passado não é senão um sonho... De resto, nem sei o que não é ^{sonho. . .} Se olho para o presente com muita atenção, parece-me que ele já

passou... O que é qualquer cousa? Como é que ela passa? Como é por dentro o modo como ela passa?. . . Ah. falemos, minhas irmãs, falemos alto, falemos todas juntas..

. O silêncio começa a tomar corpo, começa a ser cousa. .

. Sin to-o envolver-me como uma névoa. . . Ah, falai, falai!...

SEGUNDA. - Para quê?... Fito-vos a ambas e não vos vejo logo. . . Parece-me que entre nós se

aumentaram abismos. . . Tenho que cansar a idéia de que vos posso ver para poder che gar a ver-vos. . . Este ar quente é frio por dentro, naquela par te em que toca na alma... Eu devia agora sentir mãos impos síveis passarem-me pelos cabelos — é o gesto com que falam das sereias.. . (*Cruza as mãos sobre os joelhos. Pausa*). Ainda há pouco, quando eu não pensava em nada. estava pensando no meu passado.

PRIMEIRA. - Eu também devia ter estado a pensar no meu. . .

TERCEIRA. - Eu já não sabia em que pensava... No passado ^{dos outros} talvez..., no passado de gente maravilhosa que nun ca

existiu... Ao pé da casa de minha mãe corria um riacho. . . Por que é que correria, e por que é que não correria mais longe. ou mais perto?. . . Há alguma razão para qualquer coisa ser o que é? Há

para isso qualquer razão verdadeira e real como as minhas mãos?

SEGUNDA. - As mãos não são verdadeiras nem reais. . . São mistérios que habitam na nossa vida... às vezes, quando fito as minhas mãos, tenho medo de Deus.. . Não há vento que mova as chamas das velas, e olhai, elas movem-se.. . Para onde se inclinam elas?... Que pena se alguém pudesse responder!.. . Sinto-me desejosa de ouvir músicas bárbaras que devem agora estar tocando em palácios de outros continentes.. . É sempre longe da minha alma. . . Talvez porque, quando criança, corri

atrás das ondas à beira-mar.

Levei a vida pela mão entre rochedos, maré-baixa, quando o mar parece ter cruzado as mãos sobre o peito e ter adormecido como uma estátua de anjo para que nunca mais ninguém olhasse. . .

TERCEIRA. - As vossas frases lembram-me a minha alma. . .

SEGUNDA. - É talvez por não serem verdadeiras. . . Mal sei que as digo. . . Repito-as seguindo uma voz que não ouço que

mas está segredando. . . Mas eu devo ter vivido realmente à beira-mar... Sempre que uma coisa ondeia, eu amo-a... Há ondas na minha alma. . .

Quando ando embalo-me. . .

Agora eu gostaria de andar.. .

Não o faço porque não vale
nunca a pena fazer nada,
sobretudo o que se quer fazer. .

. Dos montes é que eu tenho
medo. . . É impossível que eles
sejam tão parados e grandes. .

. Devem ter um segredo de
pedra que se recusam a saber
que têm.. . Se desta janela,
debruçando-me, eu pudesse
deixar de ver montes,
debruçar-se-ia um momento
da minha alma alguém em
quem eu me sentisse feliz.. .

PRIMEIRA. - Por mim, amo os
montes. . . Do lado de cá de
todos os montes é que a vida é
sempre feia... Do lado de lá,
onde mora minha mãe,
costumávamos sentarmo-nos à
sombra dos tamarindos e falar

de ir ver outras terras. . . Tudo ali era longo e feliz como o canto de duas aves, uma de cada lado do caminho. . . A floresta não tinha outras clareiras senão os nossos pensamentos... E os nossos sonhos eram de que as árvores projetassem no chão outra calma que não as suas sombras.. . Foi decerto assim que ali vivemos, eu e não sei se mais alguém. . . Dizei-me que isto foi verdade para que eu não tenha de chorar. . .

SEGUNDA. - Eu vivi entre rochedos e espreitava o mar.. . A orla da minha saia era fresca e salgada batendo nas minhas pernas nuas... Eu era pequena e bárbara. . . Hoje tenho medo

de ter sido. . . O presente parece-me que durmo. . .
Falai-me das fadas. Nunca ouvi falar delas a ninguém... O mar era grande demais para fazer pensar nelas... Na vida aquece ser pequeno. . . Éreis feliz, minha irmã?

PRIMEIRA. - Começo neste momento a tê-lo sido outrora. .
. De resto, tudo aquilo se passou na sombra... As árvores vi veram-no mais do que eu. . .
Nunca chegou quem eu mal esperava. . . E vós, irmã, por que não falais?

TERCEIRA. - Tenho horror a de aqui a pouco vos ter já dito o que vos vou dizer. A minhas palavras presentes, mal eu as diga, pertencerão logo ao

passado, ficarão fora de mim,
não sei onde. rígidas e fatais. .
. Falo. e penso nisto na minha
garganta, e as

116

minhas palavras parecem-me
gente. . . Tenho um medo maior do
que eu. Sinto na minha mão, não
sei como, a chave de uma porta
desconhecida. E toda eu sou um
amuleto ou um sacrário que
estivesse com consciência de si
próprio. É por isto que me apavora
ir, como por uma floresta escura,
através do mistério de falar. . . E
afinal, quem sabe se eu sou assim e
se é isto sem dúvida que sinto? . . .

PRIMEIRA. - Custa tanto saber o que se sente quando

repara mos em nós!. . . Mesmo viver
sabe a custar tanto quando se dá

por isso. . . Falai, portanto, sem reparardes que existis. . . Não nos íeis dizer quem éreis?

TERCEIRA. - O que eu era outrora já não se lembra de quem sou. . . Pobre da feliz que eu fui!... Eu vivi entre as sombras dos ramos, e tudo na minha alma é folhas que estremecem. Quando ando ao sol a minha sombra é fresca. Passei a fuga ^{dos meus dias ao lado} de fontes, onde eu molhava, quando so nhava de viver, as pontas tranqüilas dos meus dedos... Às ve zes, à beira dos lagos, debruçava-me e fitava-me. . . Quando eu sorria, os meus dentes eram misteriosos na água. . . Tinham um sorriso só deles, independente do meu. . . Era sempre sem razão que eu sorria. . . Falai-me da morte, do fim de tudo, para que eu sinta uma razão para

recordar. . .

PRIMEIRA. - Não falemos de nada, de nada. . . Está mais frio, mas por que é que está mais frio? Não há razão para estar mais frio. Não é bem mais frio que está. . . Para que é que havemos de falar?. . . É melhor cantar, não sei porquê... O canto, quando a gente canta de noite, é uma pessoa alegre e sem medo que entra de repente no quarto e o aquece a consolar-nos... Eu podia cantar-vos uma canção que cantávamos em casa de meu passado. Por que é que não quereis que vo-la cante?

TERCEIRA. - Não vale a pena, minha irmã. . . Quando alguém canta, eu não posso estar comigo. Tenho que não poder recor dar-me. E depois todo o meu passado torna-se outro

e eu ^{cho}ro uma vida morta que trago
comigo e que não vivi nunca. É
sempre tarde demais para cantar,
assim como é sempre tarde demais
para não cantar. . .

(uma pausa)

PRIMEIRA. - Breve será dia...
Guardemos silêncio... A vida
assim o quer. Ao pé da minha casa
natal havia um lago. ^{Eu ia lá e assentava-me}
^{à beira dele, sobre um tronco de árvore}re que caíra
quase dentro da água. . . Sentava-se
na ponta e

117

molhava na água os pés,
esticando para baixo os dedos.
Depois olhava excessivamente
para as pontas dos pés, mas não
era para os ver. Não sei por

quê. mas parece-me deste lago
que ele nunca existiu. . .
Lembrar-me dele é como não
me poder lem
brar de nada. . . Quem sabe por
que é que eu digo isto e se fui
eu que vivi o que recordo?. . .
SEGUNDA. - À beira-mar
somos tristes quando
sonhamos... Não podemos ser
o que queremos ser, porque o
que queremos ser queremo-lo
sempre ter sido no passado. . .
Quando a onda se espalha e a
espuma chia. parece que há mil
vozes mínimas a falar. A
espuma só parece ser fresca a
quem a julga uma. . . Tudo é
muito e nós não sabemos nada.
. . Quereis que vos conte o que
eu sonhava à beira-mar?

PRIMEIRA. - Podeis contá-lo, minha irmã: mas nada em nós tem necessidade de que no-lo conteis. . . Sc é belo, tenho já pena de vir a tê-lo ouvido. E se não é belo. esperai. . . . contai-o só depois de o alterardes. . .

SEGUNDA. - Vou dizer-vo-lo. Não é inteiramente falso, porque sem dúvida nada é inteiramente falso. Deve ter sido assim. . . Um dia que eu dei por mim recostada no cimo frio de um rochedo, e que eu tinha esquecido que tinha pai e mãe e que houvera em mim infância e outros dias — nesse dia vi ao longe, como uma coisa que eu só pensasse em ver. a passagem vaga de uma vela. . . Depois ela cessou. . .

Quando reparei para mim, vi
que já tinha esse meu sonho. . .
Não sei onde ele teve
princípio. . . E nunca tornei a
ver outra vela. . . Nenhuma das
velas dos navios que saem aqui
de um porto se parece com
aquela, mesmo quando é lua e
os navios passam longe de
vagar. . .

PRIMEIRA. - Vejo pela janela
um navio ao longe. É talvez
aquele que vistes.. .

SEGUNDA. - Não, minha
irmã; esse que vedes busca sem
dú vida um porto qualquer. . .
Não podia ser que aquele que
eu vi buscasse qualquer porto.
. .

PRIMEIRA. - Por que é que
me respondestes?. . . Pode ser. .

. Eu não vi navio nenhum pela
janela. .. Desejava ver um e
falei-vos dele para não ter
pena. . . Contai-nos agora o que
foi que sonhastes à beira-mar. .

.

SEGUNDA. - Sonhava de um
marinheiro que se houvesse per
dido numa ilha longínqua.

Nessa ilha havia palmeiras
hirtas, poucas, e aves vagas
passavam por elas. . . Não vi se
alguma vez pousavam. . .

Desde que, naufragado, se
salvara, o marinheiro vi via ali.

. . Como ele não tinha meio de
voltar à pátria, e cada

vez que se lembrava dela sofria,
pôs-se a sonhar uma pátria que

nunca tivesse tido; pôs-se a fazer ter sido sua uma outra pátria, uma outra espécie de país com outras espécies de paisagem, e outra gente, e outro feitio de passarem pelas ruas e de se debruçarem das janelas. . . Cada hora ele construía em sonho esta falsa pátria, e ele nunca deixava de sonhar, de dia à sombra curta das grandes palmeiras, que se recortava, orlada de bicos, no chão areento e quente; de noite, estendido na praia, de costas e não reparando nas estrelas.

PRIMEIRA. - Não ter havido uma árvore que mosqueasse

^{so} bre as minhas mãos estendidas a sombra de um sonho como esse!..

.

TERCEIRA. - Deixai-a falar. . . Não a interrompais. . . Ela conhece palavras que as sereias lhe ensinaram.. . Adormeço para a

poder escutar... Dizei, minha irmã, dizei... Meu coração dói-me de não ter sido vós quando sonháveis à beira-mar...

SEGUNDA. - Durante anos e anos, dia a dia, o marinheiro erguia num sonho contínuo a sua nova terra natal. . . Todos os dias punha uma pedra de sonho nesse edifício impossível. . . Breve ele ia tendo um país que já tantas vezes havia percorrido. Milhares de horas lembrava-se já de ter passado ao longo de suas costas. Sabia de que cor soíam ser os crepúsculos numa baía do Norte, e como era suave entrar, noite alta, e com a alma recostada no murmúrio da água que o navio abria, num grande porto do Sul onde ele passara outrora, feliz talvez, das

suas mocidades a suposta. ..

(uma pausa)

PRIMEIRA. - Minha irmã, por
que é que vos calais? SEGUNDA. - Não se

deve falar demasiado.. . A vida espreita **nos**

sempre. .. Toda a hora é materna
para os sonhos, mas é **preciso** não o saber.

. . Quando falo demais começo a separar **me de**

mim e a ouvir-me falar. Isso faz
com que me compadeça **de mim** própria

e sinta demasiadamente o coração. Tenho em tão uma
vontade lacrimosa de o ter nos braços para o poder em

balar como a um filho. . . Vede: o
horizonte empalideceu.. . O dia
não pode já tardar. . . Será preciso
que eu vos fale ainda **mais** do meu
sonho?

PRIMEIRA. - Contai sempre,
minha irmã, contai sempre... Não
pareis de contar, nem repareis em

que dias raíam... O dia nunca raia para
quem encosta a cabeça no seio das horas so
nhadas. .

. Não torçais as mãos. Isso faz um
ruído como o de

uma serpente furtiva. . .

Falai-nos muito mais do vosso
sonho. Ele é tão verdadeiro
que não tem sentido nenhum.

Só pensar em ouvir-vos me
toca música na alma. . .

SEGUNDA. - Sim. falar-vos-ei
mais dele. Mesmo eu preciso
de vo-lo contar. À medida que
o vou contando, é a mim
também que o conto... São três
a escutar... (*De repente,
olhando para o caixão, e
estremecendo.*) Três não. . .
Não sei. . . Não sei quantas. . .

TERCEIRA. - Não faleis assim... Contai depressa, contai outra vez. . . Não faleis em quantos podem ouvir. . . Nós nunca sabemos quantas coisas realmente vivem e vêem e escutam... Voltai ao vosso sonho. . . O marinheiro. O que sonhava o marinheiro?. . .

SEGUNDA (*mais baixo, numa voz muito lenta*). - Ao princípio ele criou as paisagens; depois criou as cidades; criou depois as ruas e as travessas, uma e uma, cinzelando-as na matéria da sua alma — uma a uma as ruas, bairro a bairro, até às muralhas do cais de onde ele criou depois os portos. . . Uma a uma as ruas, e a gente


que as percorria e que olhava
sobre elas das janelas... Passou
a conhecer certa gente, como
quem a reconhece apenas. . .
Ia-lhes conhecendo as vidas
passadas e as conversas, e tudo
isto era como quem sonha
apenas paisagens e as vai
vendo. . . Depois viajava,
recordado, através do país que
criara. . . E assim foi
construindo o seu passado. . .
Breve tinha uma outra vida
anterior. . . Tinha já, nessa nova
pátria, um lugar onde nascera,
os lugares onde passara a
juventude, os portos onde
embarcara... Ia tendo tido os
companheiros da infância e
depois os amigos e inimigos da
sua idade viril. . . Tudo era

diferente de como ele o tivera
— nem o país, nem a gente,
nem o seu passado próprio se
pareciam com o que ha-
viam sido. . . Exigis que eu
continue?. . . Causa-me tanta
pena falar disto!. . . Agora,
porque vos falo disto,
aprazia-me mais estar-vos
falando de outros sonhos. . .

TERCEIRA. - Continuai, ainda
que não saibais por quê. . .
Quanto mais vos ouço, mais
me não pertenco.. .

PRIMEIRA. - Será bom
realmente que continueis?
Deve qual quer história ter fim?
Em todo o caso falai. . .
Importa tão pouco o que
dizemos ou não dizemos. . .
Velamos as horas que passam.

. . O nosso mister é inútil como a Vida.. . SEGUNDA. - Um dia, que chovera muito, e o horizonte estava mais incerto, o marinheiro cansou-se de sonhar. . . Quis então recordar a sua pátria verdadeira. . . mas viu que não se lembrava de nada, que ela não existia para ele. . . Meninice de que se



lembrasse, era a na sua pátria de sonho; adolescência que recorresse, era aquela que se criara. . . Toda a sua vida tinha sido a sua vida que sonhara. . . E ele viu que não podia ser que outra vida tivesse existido. . . Se ele nem de uma rua, nem de uma figura, nem de um gesto

materno se lembrava... E da vida que lhe parecia ter sonhado, tudo era real e tinha sido. . . Nem sequer podia sonhar outro passado, conceber que tivesse tido outro, como todos, um momento, podem crer. . . Ó mi nhas irmãs, minhas irmãs. . . Há qualquer coisa, que não sei o que é, que vos não disse. . . qualquer coisa que explicaria isto tudo. . . A minha alma esfria-me. . . Mal sei se tenho estado a falar. . . Falai-me, gritai-me, para que eu acorde, para que eu saiba que estou aqui ante vós e que há coisas que são apenas sonhos. . .

PRIMEIRA (*numa voz muito baixa*). - Não sei que vos di ga..

. Não ousou olhar para as coisas. . . Esse sonho como continua? . . .

SEGUNDA. - Não sei como era o resto. . . Mal sei como era o resto. . . Por que é que haverá mais?

PRIMEIRA. - E O que aconteceu depois?

SEGUNDA. - Depois? Depois de quê? Depois é alguma coisa? . . . Veio um dia um barco. .

. Veio um dia um barco. . . — Sim, sim.. . só podia ter sido assim... — Veio um dia um barco, e passou por essa ilha, e não estava lá o marinheiro. . .

TERCEIRA. - Talvez tivesse regressado à Pátria... Mas a qual?

PRIMEIRA. - Sim, a qual? E o

que teriam feito ao marinheiro?
Sabê-lo-ia alguém?

SEGUNDA. - Por que é que
mo perguntais? Há resposta
para alguma coisa?

(uma pausa)

TERCEIRA. - Será
absolutamente necessário,
mesmo dentro do vosso sonho,
que tenha havido esse
marinheiro e essa ilha?

SEGUNDA. - Não, minha
irmã; nada é absolutamente
neces sário.

PRIMEIRA. - Ao menos, como
acabou o sonho?

SEGUNDA. - Não acabou. . .
Não sei. . . Nenhum sonho aca
ba. . . Sei eu ao certo se o não
continuo sonhando, se o não

sonho sem o saber se o
sonhá-lo não é esta coisa vaga
a que eu chamo a minha vida?.
. . Não me faleis mais. . .
Principio a estar certa de
qualquer coisa, que não sei o
que é. . . Avan-



çam para mim, por uma noite
que não é esta, os passos de um
horror que desconheço. . .
Quem teria eu ido despertar
com o sonho meu que vos
contei?. . . Tenho um medo
disforme de que Deus tivesse
proibido o meu sonho. . . Ele c
sem dúvida mais real do que
Deus permite. . . Não estejais
silenciosas.. . Dizei-me ao
menos que a noite vai

passando, embora eu o saia.. . Vede, começa a ir ser dia..
. Vede: vai haver o dia real. . .
Paremos. . . Não pensemos
mais. . . Não tentemos se guir
nesta aventura interior. . .
Quem sabe o que está no fim
dela?... Tudo isto, minhas
irmãs, passou-se na noite...
Não falemos mais disto, nem a
nós próprios. . . É humano e
con
veniente que tomemos, cada
qual, a sua atitude de tristeza.
TERCEIRA. - Foi-me tão belo
escutar-vos. . . Não digais que
não. . . Bem sei que não valeu a
pena. . . É por isso que o achei
belo... Não foi por isso, mas
deixai que eu o diga... De
resto, a música da vossa voz,

que escutei ainda mais que as
vossa palavras, deixa-me.
talvez só por ser música,
descon tente. . .

SEGUNDA. - Tudo deixa
descontente, minha irmã. . . Os
ho mens que pensam
cansam-se de tudo, porque tudo
muda. Os homens que passam
provam-no, porque mudam
com tudo. . . De eterno e belo
há apenas o sonho. . . Por que
estamos nós falando ainda?.. .

PRIMEIRA. - Não sei. . .
*(olhando para o caixão, em voz
mais baixa)* — Por que é que
se morre?

SEGUNDA. - Talvez por não
se sonhar bastante. . .

PRIMEIRA. - É possível. . .
Não valeria então a pena fechar

mo-nos no sonho e esquecer a vida, para que a morte nos esque cesse? . . .

SEGUNDA. - Não, minha irmã, nada vale a pena. . .

TERCEIRA. - Minhas irmãs, é já dia.. . Vede, a linha dos montes maravilha-se. . . Por que não choramos nós? . . .

Aquela que finge estar ali era bela, e nova como nós, e sonhava tam bém . . . Estou certa que o sonho dela era o mais belo de to dos. . . Ela de que sonharia? . . .

PRIMEIRA. - Falai mais baixo. Ela escuta-nos talvez, e já sabe para que servem os sonhos. . .

(uma pausa)

SEGUNDA. - Talvez nada

disto seja verdade. . . Todo este
si lêncio e esta morta, e este dia
que começa não são talvez
senão um sonho. . . Olhai bem
para tudo isto. . . Parece-vos
que per tence à vida? . . .



PRIMEIRA. - Não sei. Não sei
como se é da vida. . . Ah, como
vós estais parada! E os vossos
olhos são tristes, parece que o
estão inutilmente. . .

SEGUNDA. - Não vale a pena
estar triste de outra maneira. . .
Não desejais que nos calemos? É
tão estranho estar a viver. . . Tudo
o que acontece é inacreditável,
tanto na ilha do marinhei ro como
neste mundo. . . Vede, o céu é já
verde. O horizonte

sorri ouro. . . Sinto que me ardem os olhos, de eu ter pensado em chorar.. .

PRIMEIRA. - Chorastes, com efeito, minha irmã. SEGUNDA. - Talvez. . . Não importa. . . Que frio é isto?. . . Ah, é agora... é agora!... Dizei-me isto... Dizei-me uma coisa ainda. . . Por que não será a única coisa real nisto tudo o marinheiro, e nós e tudo isto aqui apenas um sonho dele?. . .

PRIMEIRA. - Não faleis mais, não faleis mais. . . Isso é tão estranho que deve ser verdade. . . Não continueis. . . O que íeis dizer não sei o que é, mas deve ser demais para a alma o poder ouvir. . . Tenho medo do que não chegastes a dizer. . . Vede, vede, é dia já. . . Vede o dia. . . Fazei tudo por

reparardes só no dia, no dia real,
ali fora. . . Vede-o, vede-o. . . Ele
conso la. . . Não penseis, não olheis
para o que pensais. . . Vede-o a vir,
o dia. . . Ele brilha como ouro
numa terra de prata. As leves
nuvens arredondam-se à medida
que se coloram... Se nada
existisse, minhas irmãs?... Se tudo
fosse, de qualquer modo,
absolutamente coisa nenhuma? . . .
Por que olhastes assim? . . .

*(Não lhe respondem. E ninguém
olhara de nenhuma maneira.)*

A MESMA. - Que foi isso que
dissestes e que me apavorou?. . .
Senti-o tanto que mal vi o que era.
. . . Dizei-me o que foi, para que eu,
ouvindo-o segunda vez, já não
tenha tanto medo como dantes. . .

Não, não. . . Não digais nada. . .
Não vos pergunto isto para que me
respondais, mas para falar apenas,
para me não deixar pensar. . .
Tenho medo de me poder lembrar
do que foi. . . Mas foi qualquer
coisa de grande e pavoroso como o
ha

ver Deus. . . Devíamos já ter
acabado de falar... Há tempo já
que a nossa conversa perdeu o
sentido... O que é entre nós que
nos faz falar prolonga-se
demasiadamente... Há mais pre
senças aqui do que as nossas
almas... O dia devia ter já raia do. .
. Deviam já ter acordado... Tarda
qualquer coisa... Tarda tudo... O
que é que se está dando nas coisas
de acordo com o nosso horror?. . .
Ah, não me abandoneis. . . Falai

co-

migo, falai comigo. . . Falai ao mesmo tempo do que eu para não deixardes sozinha a minha voz... Tenho menos medo à minha voz do que à idéia da minha voz, dentro de mim, se for reparar que estou falando. .

.
TERCEIRA. - Que voz é essa com que falais?. . . É de outra. .
. Vem de uma espécie de longe. . .

PRIMEIRA. - Não sei. . . Não me lembreis isso. . . Eu devia estar falando com a voz aguda e tremida do medo. . . Mas já não sei como é que se fala. . .
Entre mim e a minha voz

abriu-se um abismo. . . Tudo isto, toda esta conversa e esta noite, e este medo — tudo isto devia ter acabado, devia ter acabado de repente, depois do horror que nos dissestes. . . Começo a sentir que o esqueço, a isso que dissestes, e que me fez pensar que eu devia gritar de uma maneira nova para exprimir um horror de aqueles. . .

TERCEIRA (*para a SEGUNDA*). - Minha irmã, não nos de véis ter contado esta história. Agora estranho-me viva com mais horror. Contaveis e eu tanto me distraía que ouvia o sentido das vossas palavras e o seu som separadamente. E parecia-me

que vós, e a vossa voz, e o sentido do que dizíeis eram três entes diferentes, como três criaturas que falam e andam.

SEGUNDA. - São realmente três entes diferentes, com vida própria e real. Deus talvez saiba por quê. . . Ah. mas por que é que falamos? Quem é que nos faz continuar falando? Por que falo eu sem querer falar? Por que é que já não reparamos que é dia?. . .

PRIMEIRA. - Quem pudesse gritar para despertarmos! Estou a ouvir-me a gritar dentro de mim, mas já não sei o caminho da minha vontade para a minha garganta. Sinto uma necessidade feroz de ter medo de que alguém possa agora

bater àquela porta. Por que não bate alguém à porta? Seria impossível se eu tenho necessidade de ter medo disso, de saber de que é que tenho medo. . . Que estranha que me sinto!. . . Parece-me já não ter a minha voz. . . Parte de mim adormeceu e ficou a ver. . . O meu pavor cresceu mas eu já não sei senti-lo. . . Já não sei em que parte da alma é que se sente. . . Puseram ao meu sentimento do corpo uma mortalha de chumbo. . . Para que foi que nos contastes a vossa história?

SEGUNDA. - Já não me lembro. . . Já mal me lembro que a contei. . . Parece ter sido já há tanto tempo!. . . Que

sono, que sono absorve o meu modo de olhar para as coisas!... O que é que nós queremos fazer? o que é que nós temos idéia de fazer? — já não sei se é falar ou não falar. . .



PRIMEIRA. - Não falemos mais. Por mim, cansa-me o esforço que fazeis para falar. . . Dói-me o intervalo que há entre o que pensais e o que dizeis. . . A minha consciência bóia à tona da sonolência apavorada dos meus sentidos pela minha pele.. . Não sei o que é isto, mas é o que sinto. . . Preciso dizer frases confusas, um pouco longas, que custem a dizer. . . Não sentis tudo isto

como uma aranha enorme que
nos tece de alma a alma uma
teia negra que nos prende?

SEGUNDA. - Não sinto nada...

Sinto as minhas sensações
como uma coisa que se sente. .
. Quem é que eu estou sen do? .
. . Quem é que está falando
com a minha voz?.. . Ah.
escutai. ..

PRIMEIRA e TERCEIRA. -
Quem foi?

SEGUNDA. - Nada. Não ouvi
nada. . . Quis fingir que ouvia
para que vós supusésseis que
ouvieis e eu pudesse crer que
havia alguma coisa a ouvir. . .

Oh, que horror, que horror
íntimo nos desata a voz da
alma, e as sensações dos
pensamento, e nos faz falar e

sentir e pensar quando tudo em nós pede o silêncio e o dia e a inconsciência da vida. . . Quem é a quinta pessoa neste quarto que estende o braço e nos interrompe sempre que vamos a sentir?

PRIMEIRA. - Para que tentar apavorar-me? Não cabe mais ter ror dentro de mim. . . Peso excessivamente ao colo de me sentir. Afundei-me toda no lodo morno do que suponho que sinto. Entra-me por todos os sentidos qualquer coisa que nos pega e nos vela. Pesam-me as pálpebras a todas as minhas sensações. Prende-se a língua a todos os meus sentimentos. Um sono fundo cola uma às outras as idéias de todos os

meus gestos. Por que foi que
olhastes assim? . . .

TERCEIRA (*numa voz muito
lenta e apagada*). - Ah, é
agora, é agora. . . Sim,
acordou alguém... Há gente que
acorda. . . Quando entrar
alguém tudo isto acabará. . .
Até lá façamos por crer que
todo este horror foi um longo
sono que fomos dormin
do. . . É dia já. . . Vai acabar
tudo.. . E de tudo isto fica.
minha irmã, que só vós sois
feliz, porque acreditaís no so
nho. . .

SEGUNDA. - Por que é que
mo perguntais? Por que eu o
disse? não, não acredito. . .

Um galo canta. A luz. como

que subitamente, aumenta. As
ires vela doras quedam-se
silenciosas e sem olharem
umas para as oulras. Não
muito longe, por uma estrada,
um vago carro geme e chia.

11/12 outubro, 1913

